



FREITAG, Bárbara. Sociedade e Consciência. Um estudo piagetiano na favela e na escola. São Paulo. Editora Cortez, 2ª edição.¹

Por Tânia Batista Cabral²

A autora elaborou um estudo sobre o desenvolvimento cognitivo e lingüístico de crianças em idade escolar, de diferentes classes sociais, de uma mesma formação social.

Inicialmente, a autora verificou a existência de um número muito reduzido de trabalhos que envolviam as condições de aprendizagem da criança em seu contexto histórico sócio-político-econômico. Vários sociólogos, educadores e filósofos têm concentrado esforços na direção de explicitar a constituição das instituições sócio-políticas na formação social capitalista. No entanto, segundo Freitag, faltam análises em nível microestrutural. Até então, argumenta a autora: “também no contexto brasileiro tem surgido uma infinidade de estudos macroteóricos abordando (...) instituição e aspectos da política e realidade educacional brasileira.” Entre esses trabalhos, Freitag situa seus estudos anteriores.

Assim sendo, em seu presente estudo, ela não faz uma análise da instituição escolar como aparelho ideológico do Estado. Seu trabalho não é o de aprofundar-se nos “conteúdos da consciência” da criança, ou seja, na assimilação dos “conteúdos ideológicos” pelas “estruturas de consciência”. Althusser e Gramsci são alguns dos teóricos da reprodução que já se debruçaram sobre esse tema. Indo, portanto, noutra direção, a da microanálise, Freitag busca as “formas de construção das estruturas”, isto é, explicitar como se encontra desenvolvida a competência moral, lingüística e cognitiva dessas crianças.

Podemos resumir sua premissa de trabalho da seguinte maneira: a formação das estruturas formais de consciência da criança, ou seja, o estágio das competências

¹ Digitalizado por Fabiane Mondini e Luciane Ferreira Mocrosky, alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

² Aluna especial do Curso de Pós-Graduação em Educação Matemática. Rio Claro – UNESP.

morais, lingüísticas e cognitivas que a criança alcançou é determinado por fatores sócio-políticos e econômicos, além dos fatores psicogenéticos. A esse estágio de competência alcançado está vinculada a forma de interagir da criança no seu dia-a-dia, como ela vai se situar como sujeito social nessa formação social.

Com intuito de demonstrar essa tese, Freitag selecionou 206 crianças nas seguintes faixas etárias: de 6 a 8 anos e de 13 a 16 anos. Sua primeira condição de contorno é do ponto de vista psicogenético e maturacional, a idade. A segunda condição, também do ponto de vista psicogenético, é a escolarização, nos casos em que a criança se encontrava regularmente freqüentando uma escola. Assim, as crianças que se encontram na primeira faixa etária freqüentam a 1ª série, e as da segunda freqüentam a 8ª série nas escolas da Grande São Paulo. A terceira condição, a que ela dá maior ênfase, é o delineamento da origem sócio-econômica. Daí resultou a classificação dessas crianças em quatro grupos, desde a classe média alta até as faveladas. Das crianças faveladas, a maioria não tem escolarização; quando muito, passaram de três a quatro meses numa escola do Estado.

Para implementar seus estudos, Freitag apoiou-se em três modelos psicogenéticos piagetianos: modelo lingüístico (elaborado pelo jovem Piaget), modelo da moralidade e o modelo lógico.

O primeiro desses modelos trata da relação entre linguagem e pensamento, ou seja, da passagem da fala egocêntrica à fala socializada. Foi escolhido esse modelo lingüístico, por nele estar sendo revelado o fator social (mais tarde abandonado pelo próprio Piaget). Em seu quadro teórico, Freitag também mostra, mas não leva em conta, as críticas que esse modelo sofreu, principalmente por Vigotsky.

Nos testes elaborados para o segundo modelo, o da moralidade, foi aplicado o método clínico. Esses testes foram realizados e divididos em três tipos: sobre as regras do jogo, sobre as intenções e conseqüências dos atos e sobre o julgamento de uma situação de conflito. Os dois primeiros são baseados em trabalhos de Piaget, e o último, nos estudos de Kohlberg e Rest.

No terceiro modelo, o lógico, que até hoje continua polêmico, foram aplicados os testes clássicos da psicologia genética, cuja finalidade é determinar em qual dos quatro estágios fundamentais do desenvolvimento do pensamento lógico a criança pode ser situada. Freitag discute a polêmica que há em torno da tese da universalidade desse

modelo a partir das pesquisas interculturais realizadas, envolvendo nessa discussão a tese da diferença, ou tese do relativismo cultural, postulada por Greenfield.

Em seu resumo dos principais resultados, Freitag observa serem válidas as posições teóricas de Piaget para os três modelos, confirmando os desempenhos (segundo sua definição) que os caracterizam. Assinala também uma independência entre o desenvolvimento psicogenético e o sexo do sujeito. Observa nas crianças e mostra que não se pode desprezar a interferência do fator sócio-econômico sobre o desenvolvimento do pensamento lógico. Este tende a se refinar à medida que há forte dependência de classes sociais economicamente altas. Freitag aponta para os efeitos da não-escolarização como responsável pelos bloqueios e defasagens (segundo os testes piagetianos aplicados) encontrados em crianças de favelas na faixa etária de 13 a 16 anos.

Isso significa que é a experiência escolar, envolvendo os conteúdos e também as relações vivenciadas, um fator positivo no desenvolvimento das estruturas de consciência. Conclui que a sustentação dos oito anos de escolaridade, pelos quais a criança passa, é importante para o seu desenvolvimento, independentemente da classe social.